

**SONETOS DE ARTHUR DE SALLES:
A EDIÇÃO E O ESTUDO
DO VOCABULÁRIO ANTROPONÍMICO**

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (UEFS)
rcrqueiroz@uol.com.br

**Sonetões, sonetinhos ou sonetos
Não cancei o leitor com versalhada
De legoa e meia ou de legoa de estrada
Batida de avejões rubros e pretos**

(ARTHUR DE SALLES, *O Último...*)

1. Introdução

O escritor baiano Arthur de Salles, cuja produção literária compreende o período de 1892 (quando, aos treze anos, escreveu seus primeiros versos) a 1952 (ano de seu falecimento), foi filiado à corrente parnasiano-simbolista. Neste longo período produtivo, Arthur de Salles escreveu muitas composições, entre textos em verso e em prosa. Além disso, foi também tradutor de obras de Shakespeare, como *Macbeth*. De sua obra em prosa podem-se destacar *Sangue mau* (1928) e *O ramo da fogueira* (1948). De sua produção poética, o mérito vai para o número de sonetos que escreveu: mais de setenta, encontrando-se nesse acervo quarenta e oito sonetos dispersos, ou seja, publicados pré-textualmente em jornais e revistas literárias.

Arthur de Salles foi diplomado pela Escola Normal da Bahia (1905) e exerceu o cargo de bibliotecário da Biblioteca da Escola Agrícola da Bahia, sendo nomeado em 1908. Também foi frequentador assíduo da Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Como mestre e assíduo leitor, leu muitas obras da literatura francesa e inglesa, tais como: Taine, *Littérature Anglaise*, e Villemain, *Tableaux de l'éloquence chretienne au quatrièmè siècle*. (TELLES, 1996). De sua formação intelectual e profissional vem o seu labor literário.

Arthur de Salles, entre o final do século XIX até a metade do século XX, sempre esteve presente na vida literária baiana. Em 1901, juntamente com outros jovens escritores, fundou a Agremiação Literária Nova Cruzada, cujas atividades se encerraram em 1914 e que contou com a presidência de Arthur de Salles entre os anos de 1913 a 1914. A agremiação publicava uma revista que levava o mesmo nome, sendo que

esta só circulou até 1910. O escritor também colaborou em outros veículos, como: *Gazeta do Povo*, *O Imparcial*, *Diário da Bahia*, *Nova Revista*, *Os Annaes*, *Arco e Flexa*, *Renascença*, *A Luva*, *Bahia Ilustrada*, dentre outros. Foi também um dos fundadores da Academia de Letras da Bahia, órgão no qual ocupou a cadeira de n. 3, cujo patrono é Manoel Botelho de Oliveira. Em 1949 foi eleito **Príncipe dos Poetas Baianos**.

A produção literária de Arthur de Salles, ao longo do tempo, mostra uma clara evolução: sua poesia, a princípio de cunho simbolista, passa a ter um cunho parnasiano, aproximando-se de um misto de parnasianismo e naturalismo. Segundo Lafaiete Spínola (1943, p. 9), o poeta aliou o melhor simbolismo ao melhor parnasianismo. Sentimentos diversos permeiam a sua poesia: a religiosidade e o culto à natureza são bons exemplos.

Não se pode negar o valor devido à obra de Arthur de Salles no cenário da literatura brasileira da primeira metade do século XX, pois sua poesia é o grande testemunho desse evento. Segundo Spínola (1943, p. 12):

Arthur de Salles faz versos como quem tem medo. Sente o infinito dos mistérios da natureza, compreende o pavor do desconhecido, alcança a imensidade do sofrimento humano, e estarrece diante de sombras que lhe parecem hostis. Vultos e fantasmas são-lhe os companheiros eternos, a segredar-lhe tragédias incruentas.

Arthur de Salles é um dos grandes nomes da literatura baiana da fase parnasiano-simbolista, constando em algumas antologias da literatura brasileira. Sua produção literária é vastíssima e riquíssima: contos, crônicas, discursos, cartas, poemas regionais, poemas dramáticos, sonetos, poemas diversos e traduções integram seu acervo, que vem sendo editado criticamente, desde 1977, pelo Grupo de Edição Crítica de Textos do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

A obra poética de Arthur de Salles apresenta 73 (setenta e três) sonetos. Destes, 24 (vinte e quatro) fazem parte da coletânea *Poesias*, livro publicado em 1920; 1 (um) faz parte da coletânea *Versos ao Dous de Julho*; 1 (um) consta da coletânea *Poemas do Mar* e 47 (quarenta e sete) integram a *Obra Dispersa*.

Dos sonetos dispersos constam aqueles considerados éditos (publicados em jornais e revistas literárias e postumamente) e os inéditos. Os sonetos são, marcadamente, parnasianos, pois o próprio poeta assim se define:

Recebi a Terra de Sol [sublinhado] e a Revista social [sublinhado]. O Afonso Costa que ahí está, no Rio, disse-me que lhe mandasse produções para

a Terra de Sol. Não mandei. Vejo que ella é futurista ou tem suas tendencias futuristas, o que não crítico. Eu porem não sou futurista. Meu verso parnasiano não agradará aos srs. da Revista. Se ser parnasiano é guardar amor á forma e carinho na maneira de expressar-se eu sou parnasiano.²⁴⁴

2. A edição crítica dos sonetos

A edição crítica dos sonetos contou com as etapas estabelecidas por Karl Lachmann (1793-1851): *recensio*, *collatio*, *emendatio*, *stema codicum* e *textus criticus*.

Na *recensio*, foi feito o levantamento:

- de todo material existente no Acervo do Setor de Filologia Românica do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia;
- dos sonetos publicados em *Poesias* (Cf. SALLES, 1920);
- dos sonetos publicados na *Obra Poética* (Cf. SECRETARIA, 1973) que não fizessem parte de *Poesias*;
- dos manuscritos, datiloscritos e impressos presentes no Acervo do Setor de Filologia Românica do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia;
- do número de testemunhos dos sonetos encontrados no acervo acima referido;
- dos sonetos existentes em outros acervos, tais como: Arquivo Público do Estado da Bahia, Biblioteca da Academia de Letras da Bahia, Biblioteca Central do Estado da Bahia, Fundação Clemente Mariani, Biblioteca Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Biblioteca do Instituto de Letras da UFBA e Biblioteca do Museu Eugênio Teixeira Leal.

De acordo com este levantamento, foram alcançados os resultados: localizados setenta e três sonetos, assim classificados: vinte e quatro estão publicados em *Poesias*; um faz parte da coletânea *Versos ao Dous*

²⁴⁴ Correspondência de Arthur de Salles catalogada no Acervo do Setor de Filologia Românica como: PR-EP-CO-OM-071:021-XE:01-02/JM, fº 1 rº, L.2-8.

de Julho²⁴⁵, um faz parte da coletânea *Poemas do Mar*,²⁴⁶ quarenta e sete sonetos compõem, destarte, a *Obra Dispersa*.

Quadro 1: Sonetos de Arthur de Salles

POESIAS	<i>Anima mea</i>	A uma árvore	
	Essência e pó I	Essência e pó II	
	Grega	Ironia divina	
	Lucia	Lyra estranha I	
	Lyra estranha II	Manhã	
	Meio dia	<i>Mors amor</i>	
	Noute	Os pharões de Hamleto	
	Paisagem	Purpuras	
	Salma	Symbolos I	
	Symbolos II	<i>Vae victis</i>	
	Vida pagan I	Vida pagan II	
	Vida pagan III		
VERSOS AO DOUS DE JULHO	Maria Quitéria		
POEMAS DO MAR	Ocaso no mar		
DISPERSOS	Attracção funesta	Berço vazio	
	Carnavalesca	Celina	
	Clamor...	Dupla revolta	
	<i>Dura veritas</i>	Ela	
	Esquiva	O farol	
	Flor do mal	Francisco mangabeira	
	O homem e o mar	Ilhas efêmeras	
	A lenda	Lojista	
	A lua	A luz da prece	
	Lyra passadista	Lyra presentista	
	Manhã no mar	<i>Mater amabilis</i>	
	Noite	Nonagenário	
	Noute	O remorso	
	Revedo o passado	<i>Rictus</i>	
	No Saara	<i>Signus</i>	
	O sol	Solitudo	
	Sonho excelso	O sonho de Liszt	
	Sonho morto	Supremo anseio	
	Tristeza	Ultima pagina	
	O ultimo...	Ultimo <i>troubadour</i>	
	<i>Vae victis</i>	Veneza	
	Vida	Visão	
	Vozes de animaes		
		"E em que trecho de mar à luz de céu maldito"	
		"Uma colina surge e um rio escoando perto"	

²⁴⁵A coletânea "Versos ao Dous de Julho" foi editada criticamente. (Cf. GAMA et al., 1993).

²⁴⁶A coletânea "Poemas do Mar" foi editada criticamente por Rosa Borges dos Santos.

Durante a *recensio*, foram também classificados os sonetos dispersos quanto às categorias éditos e inéditos, o que se pode comprovar através do quadro a seguir:

Quadro 2: Classificação dos Sonetos Dispersos

ÉDITOS	PUBLICAÇÕES PRÉ-TEXTUAIS (JORNALIS E REVISTAS)	Atracção funesta Carnavalesca Clamor... Flor do mal O homem e o mar A lua <i>Mater amabilis</i> Noute Revendo o passado O sol Sonho excelso Supremo anseio Última página Vida	Berço vazio Celina O farol Francisco mangabeira A lenda A luz da prece Nonagenário O remorso No Saara <i>Solitude</i> Sonho morto Tristeza Veneza Visão
	PUBLICAÇÃO TEXTUAL (PÓSTUMOS)	"E em que trecho de mar à luz de um céu maldito"	Ela Ilhas efêmeras Manhã no mar Noite
INÉDITOS	MANUSCRITOS	Dupla revolta <i>Signus</i>	"Uma colina surge e um rio escoando perto"
	DATILOSCRITOS	<i>Dura veritas</i> Lira passadista Lojista O sonho de liszt Último <i>troubadour</i> Vozes de animais	Esquiva Lira presentista <i>Rictus</i> O último... <i>Vae victis</i>

Após a *recensio*, foram seguidas as outras etapas da edição crítica. Como a proposta era editar apenas os sonetos dispersos, então este procedimento foi realizado com 47 (quarenta e sete) sonetos, tanto os éditos quanto os inéditos. Apresenta-se a seguir somente a edição de um soneto, devido ao caráter deste artigo.

2.1. Edição do soneto *Solitude*

O soneto *Solitude* apresenta dois testemunhos, a saber: aquele que está publicado na *Revista do Grêmio Literário da Bahia* (RGL) e o que

está publicado no jornal *Gazeta do Povo* (GP), cujas descrições se seguem:

SALLES, Arthur de. Solitudo. *Revista do Grêmio Literário da Bahia*, Bahia, ano 3, n. 8-9, p.521, jun.-jul. 1904.

Publicado juntamente com mais quatro sonetos: *Esplendida e Caiporismo*, de Fernando Caldas, *Ódio e Amor*, de Álvaro Reis, e *Contraste*, de Octavio Brandão. Moldura adornada em volta dos poemas; separados por traço com filigranas. 16 linhas: L.1, **SOLITUDO**; L.2-15, versos; L.16, **Arthur de Salles.**; V.1, primeira palavra em letras capitais, primeira letra adornada com filigranas.

SALLES, Arthur de. Solitudo. *Gazeta do Povo*, Salvador, p. 2, col.3: Trechos literários, 11 jan. 1907.

Adorno entre o título da coluna e o soneto. Título em maiúsculas. Versos impressos em sentido vertical, relativamente ao título e à indicação da autoria. Nome do poeta em maiúsculas, iniciais em destaque, ao final da composição.

Os dois testemunhos apresentam traços comuns. O texto publicado pelo jornal *Gazeta do Povo* copia o testemunho da *Revista do Grêmio Literário da Bahia*, com pequenas diferenças na pontuação. Sendo assim, estabeleceu-se o seguinte estema:



Figura 1: Estema dos testemunhos de *Solitudo*

Tomou-se como texto de base o testemunho mais recente, isto é, o que foi publicado no jornal *Gazeta do Povo*. Neste sentido, apresenta-se na sequência o texto crítico com aparato.

SOLITUDO

	Quando estavas aqui, tudo sorria, Tudo cantava e tinha mais beleza: Enchia-se de flores a devesa, De lírios brancos o vergel se enchia.	RGL <i>belleza</i> . [ponto]; GP <i>beleza</i> RGL GP <i>devesa</i> RGL GP <i>lyrios</i>
5	O sol mais claro e rútilo fulgia, Tinha mais viço e pompa a natureza; E a alma, liberta da feral tristeza, O azul do verso altívola subia.	RGL O <i>Sol</i> ; RGL, GP <i>rutilo</i> RGL <i>tristeza</i> [sem vírgula] RGL <i>verso</i> , [vírgula] <i>altívola</i> , [vírgula] subia; GP <i>altívola</i> ; RGL <i>subia!...</i> [exclamação e reticências]
10	Partiste e tudo ermado se fizera... Volta, ridente e loura, a primavera - E tu não voltas. Lentamente[,] as horas Passam, deixando tanto anseio, tanto!... E adeus àquela graça e àquele encanto Festivo e álcere das manhãs sonoras...	RGL <i>fizera</i> : [ponto e vírgula] RGL <i>Volta</i> [sem vírgula] ridente e <i>loura</i> (sem vírgula) a <i>primavera</i> [sem travessão] RGL E tu não <i>voltas!...</i> [exclamação e reticências] <i>Lentamente</i> , [vírgula] as <i>horas</i> [sem vírgula]; GP <i>horas</i> [vírgula] RGL <i>Passam</i> [sem vírgula]; RGL, GP <i>anseio</i> RGL, GP E adeus <i>àquela</i> graça e <i>àquele</i> encanto RGL, GP Festivo e <i>álcere</i> ; GP <i>manhãs</i> ; RGL <i>sonoras!...</i> [exclamação e reticências]

3. O vocabulário antroponímico e a intertextualidade

Nos sonetos, Arthur de Salles faz diversas remissões a personagens ilustres da literatura e da arte universais, como Desdêmona, Gwynplaine, Hamleto, Homero, Liszt, Otelo, Rigoletto e Sganarello. De acordo com Kristeva (1978, p. 120-121): “A linguagem poética aparece como um diálogo de textos: toda sequência se faz em relação a uma outra proveniente de um outro *corpus*, de maneira que toda sequência está duplamente orientada: para o ato de reminiscência (evocação de uma outra escrita) e para o ato de intimação (a transformação dessa escritura).”²⁴⁷ Desta forma, um texto literário é absorção e transformação de outro texto e, neste caso, a intersubjetividade dá espaço à intertextualidade, definida por Riffaterre (*apud* GENETTE, 2006, p. 9) como sendo a percepção do leitor das relações entre uma obra e outras, ou seja, aquela é o próprio mecanismo da leitura literária.

²⁴⁷ Original francês: “Le langage poétique apparait comme un dialogue de textes: toute séquence se fait par rapport à une autre provenant d’un autre corpus, de sorte que toute séquence est doublement orientée: vers l’acte de la reminiscence (évocation d’une autre écriture) et vers l’acte de la sommation (la transformation de cette écriture).”

Em se tratando da obra poética de Arthur de Salles, mais especificamente dos sonetos, constata-se que houve a assimilação de vários textos. Neste sentido, toda obra literária é um prolongamento ou um rompimento da tradição literária. Sendo assim, há “[...] um novo texto, singular, mas não inteiramente inédito, já que se encontra interligado ao texto inicial que, por sua vez, é resultante de uma sucessão de outros textos.” (QUEIROZ, 2005, p. 1)

Para Genette (2006), o que ocorre é uma transtextualidade, na medida em que tudo o que está em um texto tem relação, manifesta ou secreta, com outros textos, em uma teia de relações transtextuais. Assim, todo texto deriva de outro texto, ou seja, são hipertextos. Desta forma, Genette (2006) considera a hipertextualidade como um aspecto universal da literariedade.

Destarte, apresenta-se neste trabalho uma análise linguístico-literária da antroponímia utilizada pelo poeta Arthur de Salles e suas relações hipertextuais.

Desdêmona e *Otelo* constam do soneto *Veneza*, no qual o poeta descreve a cena de ciúmes de Otelo, seu marido, e que figura na obra de Shakespeare, intitulada *Otelo, o mouro de Veneza*, uma de suas peças mais bem compostas, escrita talvez em 1604, em cinco atos e em verso. Esta composição de Shakespeare também inspirou ao compositor italiano Giuseppe Verdi, o qual escreveu a ópera *Otello*, em quatro atos, cuja estreia ocorreu no teatro *Scala* de Milão, a 5 de fevereiro de 1887. *Desdêmona* é uma figura delicadíssima, modelo da mulher modesta, terna e submissa, protótipo literário da esposa virtuosa, vítima de intriga perversa e do ciúme desvairado. *Otelo* é um audaz soldado mouro ao serviço de Veneza. Os relatos que faz da sua vida inspiram a jovem e formosa patriciana, *Desdêmona*, uma paixão profunda, e, apesar da relutância do pai, a donzela casa com Otelo. Dois dos oficiais seus subordinados gozam da confiança do mouro: um, Iago, homem dissimulado, que tem ciúmes de Otelo e que busca a sua destruição; outro, Cássio, honrado e leal. Iago, repellido por *Desdêmona*, é intensamente impellido pelo ódio e pelo anseio de vingança. Propõe-se inspirar ciúmes a Otelo, e consegue-o: o acaso favorece-o, e ele faz crer ao seu chefe que Cássio é amante de *Desdêmona*. Otelo, dominado por um ciúme brutal, asfixia a esposa no leito.

VENEZA

Rolam no mar azul, num temporal desfeito,
Teus barcos, teu poder, tua soberania.
Tremes de espanto e horror. E um canto de agonia
Sobe dos teus canais ao leão de torvo aspeito.

5 O Oriente, a coruscar de ouro e de pedraria,
Fulge-te à frente e às mãos num derradeiro preto,
E o nardo, o incenso, a mirra ungem-te o régio leito
Em que estendes a dor do teu último dia.

10 Cristã, que abriste o seio ao pagão muçulmano,
Clamas contra o destino, este maldito oceano
Que o cetro secular te espedaça nas fragas.

E o Ibero, o teu *Otelo*, ardendo de áureos ciúmes,
Afoga-te no leito entre raros perfumes,
Ó soberba e imortal *Desdêmona* das vagas!

Gwynplaine e *Hamleto* integram o soneto *Rictus* e representam personagens criados pelo escritor francês Victor Hugo na história *L'Homme qui rit* (O homem que ri). *Hamleto*, no entanto, seria o príncipe de Jylland, personagem semilendário cuja vida é narrada pelo historiador *Saxo Grammaticus* (séc. XIII) e teria vivido no século V. Simulou loucura para vingar o assassinio do pai, morto pelo irmão deste, Fengo.

Sganarelo também consta do soneto *Rictus*, sendo a figura de um personagem de Molière que foi por ele modificada quatro vezes: na *Escola de maridos*, sendo tutor; D. João, no *Festim de Pedra*; pai, no *Amor Médico*; e no *Médico à força*, lenhador. Em italiano, a palavra significa *desenganado*, o que não impediu que o vulgo lhe atribuisse a significação de *enganado*, em virtude, decerto, do enredo da obra. A peça de que é figura principal, *Sganarelo* ou o *Coitadinho imaginário*, é uma comédia em 1 ato, em verso, representada pela primeira vez a 28 de maio de 1660, obtendo tanto sucesso que foi representada 37 vezes.

Rigoletto é outra figura presente no soneto *Rictus*, sendo personagem-título da ópera de Verdi (*Rigoletto*), em quatro atos, baseada no drama de Victor Hugo *Le roi s'amuse* (*O rei se diverte*), representada em Veneza em 1851. *Rigoletto* é o bobo da corte, aquele que zomba de tudo e de todos.

RICTUS

Riso, risada, gargalhar, sorriso
De vários tons, diversas cores, elo
Que duas almas leva ao paraíso,
De acordo mútuo positivo selo...

- 5 Quem não conhece o tal riso amarelo
Do pegado em flagrante? — Nem é riso...
O rir motejador de *Sganarello*?
O mendaz, o sarcástico, o impreciso...

- 10 Rir de *Gwynplaine*, atro sorrir de *Hamleto*...
Rir tresvairado de quem perde o senso,
Medonho gargalhar de Rigoletto!

Rir alarve do bêbedo, à poeira...
Os esgares do trismo, hórrido e tenso...
E a risada acintosa da caveira!?

Homero consta do soneto em homenagem a *Francisco Mangabeira*, médico e poeta nascido em Salvador em 1879 e falecido em 1904, a bordo, entre Belém e São Luís. Francisco Mangabeira, junto com Arthur de Salles, foi também fundador do movimento literário “Nova Cruzada”. Atuou na campanha de Canudos ainda como estudante de medicina. No soneto, Arthur de Salles o compara aos guerreiros do escritor grego Homero, nome próprio a que está ligada a mais antiga poesia épica da Grécia. É o poeta a que se atribuem a *Ilíada* e a *Odisséia*. O tempo em que teria vivido é colocado por Heródoto em cerca de 850 a.C.; pelos modernos, entre 900 e 1100. Seja como for, é o primeiro nome da literatura europeia. Francisco Mangabeira foi simbolista, tendo sua poesia grande valor.

FRANCISCO MANGABEIRA

Tinha o nobre valor dos guerreiros de *Homero*
A têmpera viril, a enfiatura d'aço.
Seu estro flamejava assim como no Espaço
Mil Sóis a refulgir n'um fulvo reverbero.

- 5 Inectiva de guerra, altivo brado austero,
Seu verbo ardente, audaz, triunfava a cada passo..
Ora um raio de luz na treva, ora um lançaço
De gládio vingador sublimado e severo.

- 10 Nunca desfaleceu, nunca tombou vencido
Na lucha pelo Bem — inda ouviu o bramido
Da Inveja a lhe sustar o passo da Victória!

Hoje a morte o levou para transfigurá-lo
No Tabor da Epopéa, e para transportá-lo
Às áureas Catedrais olímpicas da Glória!

Liszt consta do soneto intitulado *O Sonho de Liszt*. Franz Liszt, célebre pianista e compositor húngaro do Romantismo, é geralmente considerado o mais extraordinário virtuoso do teclado de todos os tempos em virtude da genialidade de sua obra, pelas suas revoluções ao estilo musical da época e por ter elevado o virtuosismo pianístico a níveis nunca antes imaginados. Nasceu em Raiding (Dobr'jan – Hungria), em 1811, e morreu em Bayreuth, em 1886. Em seu primeiro concerto público, que Beethoven assistiu, este ficou tão entusiasmado com o jovem pianista a ponto de subir ao palco e dar-lhe um beijo. Desde então, a vida de Liszt foi, durante cinquenta anos, uma série de triunfos, sendo ainda hoje um dos maiores pianistas de todos os tempos, principalmente por conta da contribuição dada ao desenvolvimento da técnica do instrumento. O pianista, no entanto, dizia que havia se inspirado nas experiências musicais que tivera na infância com as performances de artistas ciganos, o que levou Arthur de Salles a escrever o verso: “Vibra na rapsódia húngara, cigana.”. Contudo, o repertório que interpretou ao piano era distinto da música cigana.

O SONHO DE LISZT

Dulcente e amara, cavernosa e forte,
Vibra na rapsódia húngara, cigana,
Num coro de soluços e ais da morte,
Convulsamente, toda a angústia humana.

- 5 Fremem frios ferais na escala insana...
Surge, à visão, a zíngara coorte
Do povo errante... a estranha caravana
Longes plagas buscando ao léu da sorte!
- 10 E a orquestra irrompe a gama que interpreta
As Sinfonias de ânsias e desejos
Que estuam n'alma do músico poeta,
- A palmilhar o seu mundo interior,
Com maldições e ais, luctas e beijos,
Na migração do Sonho para a Dor!

Analisando-se os sonetos e fazendo-se remissão à formação intelectual de Arthur de Salles, pode-se comprovar que as suas leituras, realizadas na Biblioteca Pública do Estado ou na Biblioteca da Escola Agrícola, foram-lhe muitos úteis, pois aquelas se converteram em textos que denotam a universalidade de sua literatura. Arthur de Salles não saiu da

Bahia, não era afeito às promoções, seu primeiro livro foi publicado pelos amigos, mas era sábio, porque sua obra nos transporta para plagas distantes, fazendo-nos conhecer figuras ilustres que transitam aqui e acolá, lá e cá. Seus textos são na verdade intertextos, pois dialogam com outros textos, sejam estes escritos em língua portuguesa ou em línguas estrangeiras. Seu universo cultural era amplo, levando-o a transitar pelas obras de Homero, Victor Hugo, Molière, Shakespeare, atendo-se ao campo da literatura, e na área musical, pela obra de Franz Liszt. Destarte, a antroponímia poética de Arthur de Salles é simplesmente intertextualidade.

Essa intertextualidade, presente no universo literário, permeia também outras áreas, seja a linguística, a publicidade, a música etc. Entretanto, enveredando-se pelas teias dos sonetos de Arthur de Salles, verifica-se o amálgama de textos/obras. Em *Veneza*, por exemplo, há a relação direta com a obra do escritor inglês Shakespeare (*Othello, the Moor of Venice*), mas também com a obra do compositor italiano Giuseppe Verdi (*Otello*). No poema, Arthur de Salles descreve a viagem de Otelo e Desdêmona de Veneza para a ilha de Chipre, em barcos separados, chegando primeiro Desdêmona ao destino, o que foi usado por Iago para fazer intriga entre Otelo e seu tenente, Cássio, fazendo com que o mouro acreditasse que Desdêmona o havia traído, o que fez Otelo matá-la, como se pode comprovar na última estrofe do soneto. Os temas tratados nas obras, seja a de Arthur de Salles, seja as de Shakespeare e Verdi giram em torno de racismo, traição, ciúmes, amor.

No soneto *Rictus*, a figura de Gwynplaine é também usada na série de filmes norte-americanos *Batman*, na pele do personagem Coringa. No século XVII, o rei James II deu Gwynplaine (filho de um inimigo político) àqueles que compravam crianças e as transformavam, fazendo-lhes aberrações a fim de serem exibidas nas feiras. A aberração mais frequente era levantar os cantos da boca para que os dentes sempre ficassem à mostra. Adulto, Gwynplaine virou um famoso palhaço. Daí o título do soneto, *Rictus*, termo latino que representa a ação de mostrar os dentes. Contudo, esse soneto dialoga com outras obras, além dos textos de Victor Hugo *L'Homme qui rit* e *Le roi s'amuse*, também com os textos de Molière e de Giuseppe Verdi, o qual retoma Victor Hugo. Molière, provavelmente, inspirou-se no teatro italiano ao compor o personagem Sganarello. O soneto *Rictus* traz em sua essência o sarcasmo presente nas obras de Molière, Victor Hugo e Giuseppe Verdi.

No soneto *Francisco Mangabeira*, Arthur de Salles compara o seu confrade da “Nova Cruzada” com os heróis gregos descritos nas obras atribuídas a Homero, *Iliada e Odisseia*. A comparação se deve ao fato de Francisco Mangabeira ter morrido quando estava trabalhando na Amazônia, quando servia como médico à Companhia Maranhense, participando da campanha de libertação do Acre.

Destarte, diante do exposto acerca da antroponímia poética de Arthur de Salles, pode-se relacioná-la à intertextualidade, expandida para transtextualidade por Genette (2006), ou mais especificamente hipertextualidade, a qual abriga outras relações textuais, o que demonstra que o poeta Arthur de Salles dialogou com outros textos, o que pressupõe o seu conhecimento de mundo, o qual deve ser compartilhado com os receptores de sua obra. Destarte, todos os textos seriam hipertextos, constituindo-se como um palimpsesto, isto é, escrito e reescrito quantas vezes se fez necessário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GAMA, Nilton Vasco da *et al.* *Arthur de Salles e o Dous de Julho*. Salvador: UFBA/ALBA, 1993.

GENETTE, Gerard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Extratos traduzidos por Luciene Guimarães e Maria Antonia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: UFMG, 2006. Disponível em:

<<http://www.letras.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/palimpsestosmonosite.pdf>>. Acesso em: 19-09-2010.

GRANDE *Enciclopédia Delta Larousse*. Rio de Janeiro: Delta, 1978.

HUGO, Victor. *L'homme qui rit*. Paris: Jules Rouff et Cie., [s.d.].

KOOGAN/HOUAISS. *Enciclopédia e dicionário*. Rio de Janeiro: Delta, 1994.

KRISTEVA, Julia. *Semeiotike: recherches pour une sémanalyse*. Paris: Éditions du Seuil, 1978.

QUEIROZ, Doralice Alves de. A transtextualidade e a literatura de cordel. *Revista Educare*, Montes Claros - MG, v. 1, p. 1-15, 2005. Disponível em: <<http://www.iseib.com.br/educare/images/transtextualidadedoralice.pdf>>. Acesso em: 19-09-2010.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos de Arthur de Salles*: tentativa de edição crítica. 1995. 239 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SALLES, Arthur de. *Sangue-mau*. Edição crítica sob a direção de Nilton Vasco da Gama. Salvador: UFBA, 1981.

_____. *Poesias*: 1901-1915. Bahia: [s.n.e.], 1920. 252 + IV p. il.

SECRETARIA da Educação e Cultura. *Obra poética de Artur de Sales*. Apresentação de Remy de Souza. Breves notas introdutórias de Hélio Simões. Errata de Raul da Costa Sá. Salvador: Mensageiro da Fé, 1973. 464 p. il.

SPÍNOLA, Lafaiete. *Harpas e farpas*. Bahia: Progresso, 1943.

TELLES, Célia Marques. Traduções de Arthur de Salles. *Scripta Philologica*, Feira de Santana, n. 2, p. 6-19, 2006.